

A TOPOFILIA E O IMAGINÁRIO EM MAYOMBE, DE PEPETELA

*La Topophilie et l'imaginaire
dans Mayombe, de Pepetela*

Adriano Carvalho Viana¹

Agnaldo Rodrigues da Silva²


Rita de Cássia Oliveira³

RESUMO: O presente texto tem como objetivo analisar o romance *Mayombe* (1980), do escritor Pepetela (1941-atual), com ênfase nos conceitos de Comunismo e Socialismo, a partir da ficção literária *Mayombe*. Os personagens da narrativa assumem as vozes da luta de classes e o enredo se estabelece na Mata. Por isso, definimos utilizar a terminologia *Topofilia* para o título desse artigo. Como metodologia, utilizaremos a fenomenologia para explicar a ideia de espaço (floresta), conforme cunhada

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL-UNEMAT). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (PPGFIL-UFMA). Bolsista Capes. Orientando da Profa. Dra. Madalena Machado (PPGEL-UNEMAT) e coorientando da Profa. Dra. Rita de Cássia Oliveira (UFMA-PGLetras e PPGFIL).

² Livre-Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso — UNEMAT. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo — USP e Pós-Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS. E-mail: agnaldosilva20@unemat.br

³ Pós-Doutora em Filosofia e Teoria Literária pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutorada em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora Associada III da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Hermenêutica de Paul Ricœur. Consultora ad hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Membro fundadora e ex-integrante da diretoria da Rede Brasil Ricœur. Vice-coordenou o Grupo de Trabalho “Hermenêutica” da Associação de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). Professora Permanente do Mestrado em Letras Acadêmico - PGLetras, na linha de pesquisa “Estudos Teóricos e Críticos em Literatura”, e do Mestrado Acadêmico em Filosofia - PPGFIL, na linha de pesquisa em “Linguagem e Conhecimento”.



pelo filósofo Gaston Bachelard. Como objetivos, pretende-se identificar e analisar ideais que reverberem rupturas de dogmas inerentes ao comunismo, como a saída para o socialismo e a independência dos sujeitos, não mais como objetificação de corpos, mas libertos. Como aporte teórico, serão utilizados: Fanon (1968), Smith (1983), Bakhtin (1990; 1997), Halbwachs (2000), Hall (2025), entre outros.

Palavras-chave: espaço; socialismo; topofilia; *Mayombe*.

Résumé: Le présent texte a pour objectif d'analyser le roman *Mayombe*, de l'écrivain Pepetela (1941-actuel), en mettant l'accent sur les concepts de communisme et de socialisme à partir de la fiction littéraire *Mayombe*. Les personnages du récit prennent la parole au nom de la lutte des classes et l'intrigue se déroule dans la forêt. C'est pourquoi nous avons décidé d'utiliser le terme *topophilie* pour le titre de cet article. Comme méthodologie, nous utiliserons la phénoménologie pour expliquer l'idée d'espace (forêt), telle que définie par le philosophe Gaston Bachelard. Comme objectifs, nous soulignons dans la discussion des idéaux liés à la rupture des dogmes attachés au communisme comme voie vers le socialisme et l'indépendance des sujets. Non plus comme une objectivation des corps, mais comme des êtres libérés. Comme théoriciens, nous utilisons Frantz Fanon (1925-1961) dans *Les damnés de la terre* - (1968), Adam Smith (1725-1790) dans *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations - Recherche sur la nature et les causes de la richesse des nations* (1983). La recherche a contribué à enrichir les connaissances nécessaires à un riche laboratoire de concepts et d'approfondissements sur les littératures africaines de langue portugaise, dispensé par le professeur Agnaldo Rodrigues.

Mots-clés: espace; socialisme; topophilie; *Mayombe*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Historicamente, a Guerra de Libertação em Angola aconteceu entre 1961 a 1974, contabilizando longos treze anos de luta pela Independência. Logo após esse período, aconteceu a crise na política, em que a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) não aceitava o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) na liderança política do país, desembocando a Guerra Civil que durou de 1975 a 2002. A fronteira da República do Congo e a província angolana de Cabinda estavam marcadas por conflitos advindos da Guerra de Libertação e, posteriormente, pela Civil.

Nesse contexto encontra-se Pepetela. O escritor formou-se em Sociologia e, logo, tornou-se um cientista social e romancista, o que significa que as questões sociais permeiam os seus escritos. Ele integrou o MPLA e participou da organização do Centro de Estudos Angolanos. Foi guerrilheiro e militou na luta armada. Portanto, a sua escrita na prosa literária está imbricada na vertente social, sendo as suas tramas a leitura de fatos históricos, a exemplo do romance *A Gloriosa Família*⁴. O enredo, desse romance, aborda o contexto histórico de fatos sobre a invasão colonial holandesa, pois, como destaca Bênoit (apud PESTANA, 2003, p. 20,

E claro que a sociedade civil angolana tem uma história antiga e uma recente. Uma história antiga, por que a independência não é grau zero da política em Angola, nem mesmo o nacionalismo moderno dos anos 50/60 que conduziu a luta armada da libertação nacional. A história antiga tem a ver com a história do movimento associativo angolano, cujas origens se podem situar em meados do século XIX com as associações culturais e os movimentos corporativos e mutualistas angolanos que davam corpo afirmação do direito da cidadania dos africanos nos anos 30 que prolongou até o século XX mesmo

⁴ O romance foi publicado pela editora *Dom Quixote*, em 1977, e narra sobre a família de Baltasar Van Dum e a invasão holandesa.

após a declaração de Londres (1960) que indicava passagem da ação direta, ou seja, a luta armada de libertação nacional. A história mais recente de vê-la como ‘renascer’ do movimento associativo, como afirmação da sua autonomia e da sua legitimidade de intervenção no espaço público, depois dos movimentos de libertação terem so-negado o espaço público criado no contexto do Estado colonial, ao assumirem-se como partidos e nação.

Em seus romances, Pepetela problematiza questões de memória e identidade, pelo viés da história e da política. Em *Mayombe*, destaca-se o espaço, vinculado à Floresta do Mayombe⁵, que tomará como fundamento teórico de análise a ideia de Bachelard (1957), com o conceito de *topofilia*⁶. Nesse contexto, torna-se válido voltar os olhos para uma literatura como a de Pepetela, que tem instaurado canais históricos e socioculturais, configurando-se como uma literatura de resistência. Conforme salienta Mata (2009, p.367), quando o autor inscreve-se no texto como entidade matricial da enunciação, atua ora no discurso, ora na história. É assim que se destaca esse romancista, um escritor que vivenciou o campo de batalha, conferindo-lhe a experiência para aperfeiçoar os seus personagens, assim como construir as decodificações de suas vivências. Essa experiência é extraída de si, como membro de um movimento de libertação e, a partir do testemunho, construir personagens como: Comandante Sem Medo, Lutamos, Teoria e entre outros. É interessante observar os nomes fictícios, que muito tem a ver com as qualidades das personagens e as suas posições sociais, como se vê em *Teoria* (professor da base guerrilheira), *Milagre* (tribalista,

⁵ Geograficamente, Mayombe é uma região montanhosa em Angola, com uma floresta pluvial densa e com árvores de grande porte. É a segunda maior floresta tropical do mundo em extensão, pois só perde para a floresta amazônica.

⁶ Topofilia vem de *topos* (τόπος), que significa lugar, e *philia* (φιλία), que significa amor filial. Em *A poética do Espaço* — a concepção de imagens do espaço, o significado remete a felicidade, dar lugar ao espaço idealizado e louvado, significando o lugar humano do campo imagético e da εὐδαιμονία (*eudaimonía*). Com isso, toma-se a vertente de um espaço simbólico.

o homem da bazuca), *Mundo Novo* (intelectual dogmático, marxista-leninista). Essa representação/ tipificação, inerente ao meio social, ocorre devido aos diversos fatores, entre os quais a raça, pois, conforme afirma Mbembe (2018a),

Na ordem colonial, a raça opera como princípio do corpo político, permitindo classificar os seres humanos em categorias distintas, supostamente dotadas de características físicas e mentais próprias. A burocracia emergiu a partir daí num dispositivo de dominação, enquanto a rede que ligava a morte e negócios operava como matriz essencial do poder. A força passou a ser a lei e a lei passou a ter por conteúdo força.

Mayombe é um romance politicamente engajado, com um foco narrativo bem definido, em que a figura dos combatentes simboliza uma Angola plural que busca a unidade e liberdade, na dicotomia entre o bem e o mal. Os pontos fundamentais para entender a discussão construída em *Mayombe* são a crítica ao colonialismo e ao tribalismo, pois Angola encontrava-se dividida em tribos⁷. As etnias continham, no seu emaranhado, diferenças culturais e, para que o povo conquistasse a independência, era preciso vencer esses obstáculos.

1. O *BILDUNGSROMAN*: A FORMAÇÃO DO COMISSÁRIO, JOÃO

Mayombe apresenta características de testemunho, pois ele se insere no que conhecemos como romance de formação. A respeito desse tipo de romance, cumpre frisar que o *Bildungsroman* teve o seu surgimento na Alemanha,

⁷ Destaco a conferência de Berlim-

entre o final do século XVIII e o início do século XIX, quando Johann Karl Simon Morgenstern (1770-1852) cunhou o termo. Walter Benjamin (1994, p. 202) salienta que “[...] o romance de formação (*Bildungsroman*), por outro lado, não se afasta absolutamente da estrutura fundamental do romance”. No lastro das características dessa tipologia romanesca, as narrativas de *Mayombe* são contadas por narradores oniscientes. No enredo, observam-se o crescimento e amadurecimento de personagens, o que evidencia o desenvolvimento deles ao longo da trama. O tempo da narrativa é o presente e os fatos são contados a partir de *Eu, o narrador, sou Teoria. Eu, o narrador, sou Milagre. Eu, o narrador, sou o chefe de operações* e segue. Dessa forma, o tempo se volta à perspectiva

[...] do herói e seu caráter [que] se tornam uma grandeza variável. As mudanças porque passa o herói adquire importância para o enredo romanesco que será, por conseguinte, repensado e reestruturado. O tempo se introduz no interior do homem, impregna-lhe toda a imagem, modificando a importância substancial de seu destino e sua vida (BAKHTIN, 1997, p. 238).

O *Bildungsroman* em *Mayombe*, portanto, pode ser observado na personagem Comissário João, pois,

[...] sua ação tem de ser um processo consciente, conduzido e direcionado por um determinado objetivo: o desenvolvimento de qualidades humanas que jamais floresceriam sem uma tal intervenção ativa de homens e felizes acasos; pois o que se alcança desse modo é algo por si próprio edificante e encorajador aos demais, por si próprio um meio de educação. A ação definida por esse objetivo tem algo da tranqüilidade da segurança. Mas não se trata da tranqüilidade apriorística de um mundo rematado; é a vontade de formação (LUKÁCS, 2000, p. 141).

A personagem João, que é militante, extremamente objetivo e com uma interpretação atenda do mundo, desenvolve seu processo de formação ao longo da narrativa e, a partir do seu discurso ideológico, é descrito como Comissário Político, quer dizer: “O narrador sou eu, o Comissário Político” (PEPETELA, 2013, p. 247). Essa característica também pode ser observada no fragmento a seguir.

Não tenho propriamente medo da morte, assim, a frio. Tenho medo é de me amedrontar quando vir que vou morrer, e perder o respeito por mim próprio. Deve ser horrível morrer com a sensação que os últimos instantes de vida destruíram toda a ideia que se tem de si próprio, toda a ideia que se levou uma vida inteira a forjar de si próprio (PEPETELA, 2013, p. 45).

O amadurecimento do Comissário pode ser uma metáfora do desenvolvimento social e, conseqüentemente, as conseqüências da guerra naqueles homens que precisam superar as diferenças para derrotar o inimigo comum (os tugas). No Epílogo, a fala do Comissário constitui uma comparação entre a luta e a terra, assim como as conseqüências de uma liberdade fidedigna, pois foi bravamente conquistada.

2. MAYOMBE E A LUTA SOCIAL: MILAGRE DA TEORIA

Em *Mayombe*, os espaços constituem lugares de luta e de movimentos revolucionários, tomando a floresta como lugar de proteção dos guerrilheiros, de modo que a “amoreira do Mayombe, cujas raízes se entrelaçam com as árvores de teca ou de comunas, num abraço vital” (PEPETELA, 2016, p.111), o espaço também se torna nocivo aos inimigos, os tugas. A descrição do *Mayombe*, então, envolve toda a construção da narrativa, com ricas figuras de linguagem que atribuem à trama um enredo fluído e simbólico. O que, então, seria o *Mayombe* no romance? Uma *figura poética*

da mata, com vista à sua mitificação? A floresta para ter vida e, com isso, protege a vida dos guerrilheiros, afinal, “o Mayombe não deixava penetrar a aurora, que, fora, despontava já. As aves noturnas cediam o lugar no concerto aos macacos e esquilos. E as águas do Lombe diminuía de tom, à espera do seu manto dourado” (PEPETELA, 2016, p. 17). De certo modo, há uma personificação da Floresta, em que se podem identificar funções políticas e ideológicas (porque ela escolhe de que lado ficar e proteger, ao mesmo tempo repelir), consistente e ressignificada para a luta armada dos angolanos.

Inocência Mata, em *A releitura da história entre gestos de reconstrução* (2009, p. 196), destaca que “a história foi recurso para, através dos mitos de que qualquer história nacional vive, se constituir como veículo de afirmação cultural e reivindicação política”. A personagem *Teoria*⁸, em certo ponto da narrativa, afirma: “Se quer partir a cabeça, se escolheu partir a cabeça, devemos dar-lhe a liberdade de partir a cabeça. — Isso é liberalismo!” (PEPETELA, 2019, p.16). O personagem une suas ideias ao seu modo de vida, o liberalismo, pois o lema de seus discursos tem como foco a “consciência política, consciência das necessidades do povo!” (PEPETELA, 2016, p. 17).

O contraponto da história oficial de Angola com ficção literária poderia tomar como eixo a personagem *Teoria* que, mesmo sendo um coadjuvante no romance, sua formação e amadurecimento gradativo enriquece a trama. Sua trajetória pode ser amparada na teoria de Adam Smith (1983), que propôs a ideia de desmembramento do Estado absolutista para uma economia de mercado, em que o livre negócio (negação do ócio) teria sua finalidade da prosperidade. Ou seja, a partir da metáfora da *mão invisível*, de Adam Smith (ibidem), os ramos do comércio deveriam especializar-se

⁸ O personagem Teoria nasceu na Gabela, na terra do café. Da terra recebeu a cor escura, vinda da mãe, misturada ao branco do seu pai, comerciante português. Ele era mestiço, como aponta a narrativa: “Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez” (PePETELA, 2016, p. 14).

naquilo que eram melhores e, através da produtividade, obter riqueza e trocas de serviços, com preços livres que incentivassem o consumidor. A personagem *Teoria* acreditava nessa livre iniciativa e, como se identifica na narrativa, tentou inculcar tal ideia nas outras personagens, uma tentativa de gerar certa consciência.

Um dos personagens que dialoga com *Teoria* é o *Milagre*⁹. Milagre descreve a sua aproximação do movimento, além de ressaltar aquilo que aprendeu sobre a Revolução, em 1961, quando ainda era criança. A personagem rememora as atrocidades dos acontecimentos, como se vê no trecho: “mas lembro-me ainda das cenas de crianças atiradas contra as árvores de homens enterrados até ao pescoço, cabeça de fora, e o trator passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir terra, para dar riqueza aos homens” (PEPETELA, 2016, p.34). É preciso lembrar que o sistema colonial imposto pelos colonizadores era de opressão e censura e, por isso, *Milagre* fugiu de Angola com a mãe ainda criança, foi para *Kinshasa* (República Democrática do Congo.) e, posteriormente, ingressou no MPLA. No entanto, o MPLA teve suas crises, pois, segundo o personagem *Milagre*, o movimento expulsou os membros que não se deixavam dominar pelos *kikongos*. O fragmento abaixo demonstra a consciência de classe de *Milagre*, que reflete a partir dos diálogos de *Teoria*. A personagem passa a compreender a luta de classes e a exploração capitalista da força e do trabalho e, para isso, usa a metáfora da compra do machado: “e o machado com que vocês trabalham nem sequer é dele” (PEPETELA, 2016, p. 35).

— Vocês ganham vinte escudos por dia, para abaterem as árvores a machado, marcharem, marcharem, carregarem pesos. O motorista ganha cinquenta escudos por dia, por trabalhar com a serra. Mas quantas árvores abate por dia a vossa equipa? Umas trinta. E quanto ganha o patrão por cada árvore? Um dinheirão. O que é que o patrão

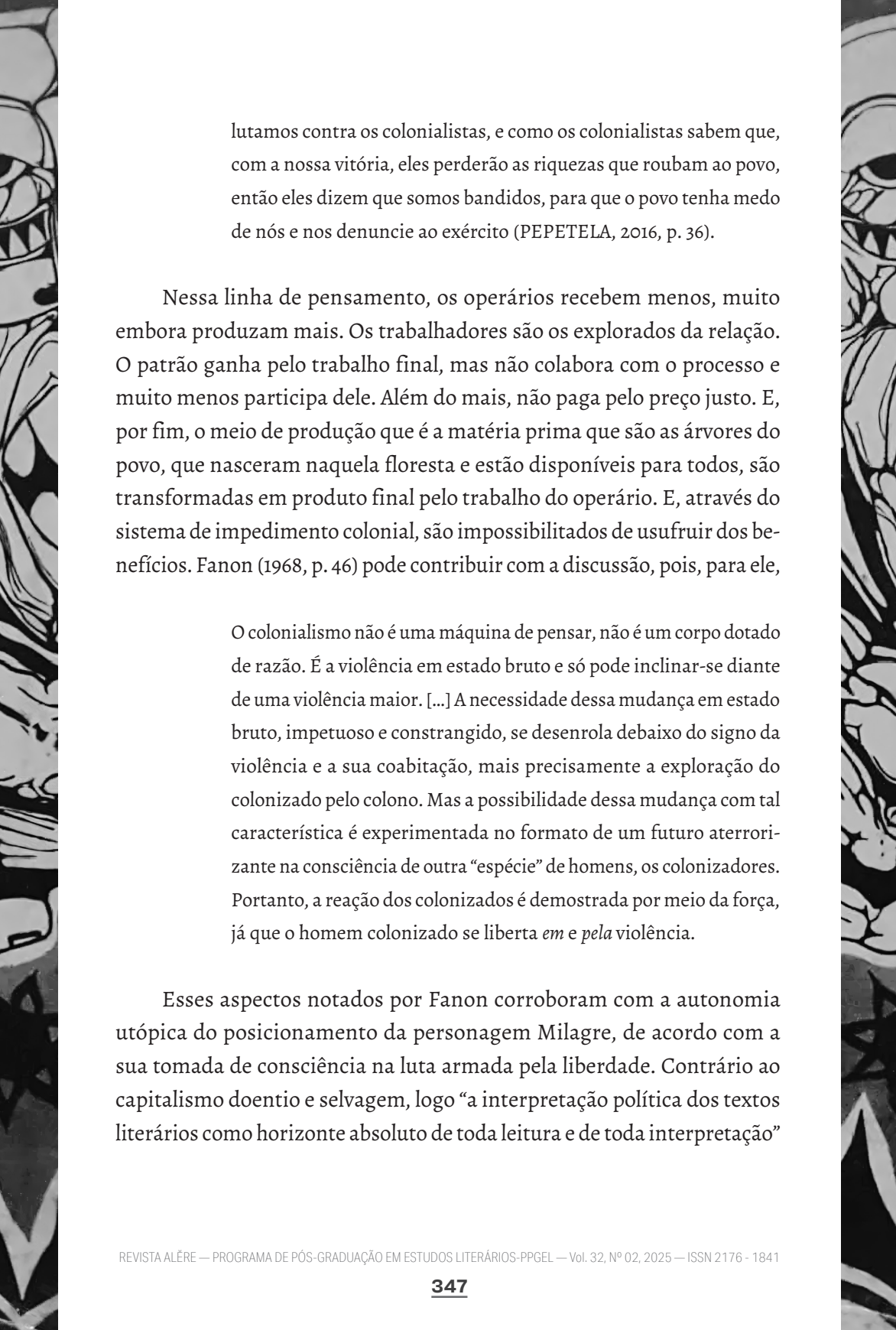
⁹ Nasceu em *Quibaxe*, região *Kibumdo*.

faz para ganhar esse dinheiro? Nada, nada, mas é ele que ganha. E o machado com que vocês trabalham nem sequer é DELE. É vosso, que o compram na cantina por setenta escudos. E a catana é dele? Não, vocês compram-na por cinquenta escudos. Quer dizer, nem os instrumentos com que vocês trabalham pertencem ao patrão. Vocês são obrigados a comprá-los, são descontados do vosso salário no fim do mês. As árvores são do patrão? Não. São vossas, são nossas, porque estão na terra angolana. Os machados e as catanas são do patrão? Não, são vossos. O suor do trabalho é do patrão? Não, é vosso, pois são vocês que trabalham. Então, como é que ele ganha muitos contos por dia e a vocês dá vinte escudos? Com que direito? Isso é exploração colonialista. O que trabalha está a arranjar riqueza para a estrangeiro, que não trabalha. O patrão tem a força do lado dele, tem o exército, a polícia, a administração. É com essa força que ele vos obriga a trabalhar, para ele enriquecer. Fizemos bem ou não em destruir o buldózer?

— Fizeram bem - responderam os trabalhadores.

A metáfora do machado impõe a ideia da relação marxista entre o trabalhador, o empregado e o modo de produção, na dicotomia entre a classe operária e o capitalismo. O materialismo histórico e o modo de produção podem ser identificados nessa citação e também em outras passagens da narrativa. Pensar a classe operária reverbera a ideia social de *Teoria e Milagre*, diante de uma nação imaginada, naquele contexto de traição, manipulação e exploração de mão de obra. Como bem lembrou Milagre,

Os tugas dizem que somos bandidos, que matamos o povo, que roubamos. Fizemos-vos mal? Matámos alguém? Mesmo o branco, podíamos matá-lo, não quisemos. Não somos bandidos. Somos soldados que estamos a lutar para que as árvores que vocês abatem sirvam o povo e não o estrangeiro. Estamos a lutar para que o petróleo de Cabinda sirva para enriquecer o povo e não os americanos. Mas como nós



lutamos contra os colonialistas, e como os colonialistas sabem que, com a nossa vitória, eles perderão as riquezas que roubam ao povo, então eles dizem que somos bandidos, para que o povo tenha medo de nós e nos denuncie ao exército (PEPETELA, 2016, p. 36).

Nessa linha de pensamento, os operários recebem menos, muito embora produzam mais. Os trabalhadores são os explorados da relação. O patrão ganha pelo trabalho final, mas não colabora com o processo e muito menos participa dele. Além do mais, não paga pelo preço justo. E, por fim, o meio de produção que é a matéria prima que são as árvores do povo, que nasceram naquela floresta e estão disponíveis para todos, são transformadas em produto final pelo trabalho do operário. E, através do sistema de impedimento colonial, são impossibilitados de usufruir dos benefícios. Fanon (1968, p. 46) pode contribuir com a discussão, pois, para ele,

O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado bruto e só pode inclinar-se diante de uma violência maior. [...] A necessidade dessa mudança em estado bruto, impetuoso e constrangido, se desenrola debaixo do signo da violência e a sua coabitação, mais precisamente a exploração do colonizado pelo colono. Mas a possibilidade dessa mudança com tal característica é experimentada no formato de um futuro aterrorizante na consciência de outra “espécie” de homens, os colonizadores. Portanto, a reação dos colonizados é demonstrada por meio da força, já que o homem colonizado se liberta *em e pela* violência.

Esses aspectos notados por Fanon corroboram com a autonomia utópica do posicionamento da personagem Milagre, de acordo com a sua tomada de consciência na luta armada pela liberdade. Contrário ao capitalismo doentio e selvagem, logo “a interpretação política dos textos literários como horizonte absoluto de toda leitura e de toda interpretação”

(JAMESON, 1992, p. 15) contribui para “[...] uma ressonância social e histórica e, por vezes, até mesmo política” (Idem, Ibidem).

Frente ao Colonialismo, a memória coletiva talvez fosse uma válvula capaz de unir aqueles guerrilheiros, em prol da conquista da independência. O personagem Milagre propõe a decodificação da ideia de coisificação, por meio da memória do povo, suas intervenções e lutas. Percebamos que a memória está intimamente ligada à identidade, pois, como afirma Hall (2003, p.17), “[...] as sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismo sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ - isto é, identidades- para os indivíduos”.

Dessa forma, conforme aponta Halbwachs (2016), ao discutir o conceito de memória coletiva, “as ações de lembrar e esquecer passam por uma dimensão social” e desembocam na memória coletiva. Ricœur enriquece esse pensamento, já que “[...] não temos outro recurso a respeito de referências ao passado, senão a própria memória” (RICŒUR, 2007, p. 40). A memória está, portanto, intimamente ligada às experiências e vivências e, em *Mayombe*, os guerrilheiros lutam para manter viva a luta pela independência, somando suas memórias.

3. A POLIFONIA DO MAYOMBE: O DEUS-MAYOMBE A CRIAÇÃO DE TUDO

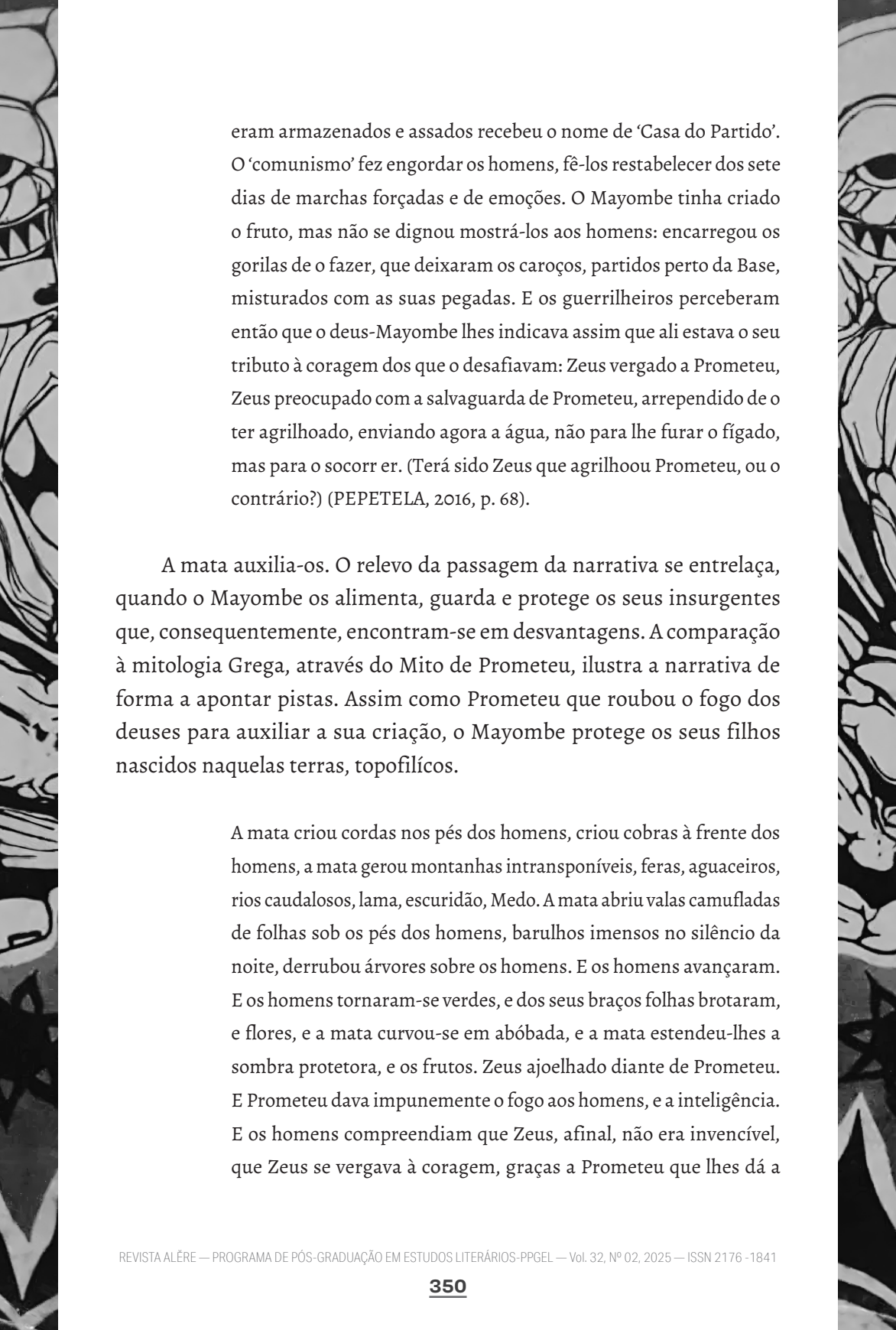
A trama do *Mayombe* é, como afirma Bakhtin (1990. p. 73) sobre o gênero romance, um “fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal”. Os vários personagens que constituem a narrativa contribuem para uma tomada de consciência social e política, o demonstra o caráter altamente engajado da obra. A floresta, humanizada, porta-se em defesa dos guerrilheiros, em que, por exemplo, “O Mayombe não deixava penetrar a aurora, que, fora, despontava já.” (Pepetela, 2016, p. 7). Esse aspecto pode ser observado quando

o Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadrihavam a mata, tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. As casas tinham sido levantadas nessa clareira e as árvores, alegremente, formaram uma abóboda de ramos e folhas para as encobrir. Os paus serviram para as paredes. O capim do teto foi transportado de longe, de perto do Lombe. Um montículo foi lateralmente escavado e tornou-se forno para o pão. Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais. A folhagem da abóboda não deixava penetrar o Sol e o capim não cresceu em baixo, no terreiro limpo que ligava as casas. Ligava, não: separava com amarelo, pois a ligação era feita pelo verde. Assim foi parida pelo Mayombe a base guerrilheira (PEPETELA, 2016, p. 67).

Identifica-se, portanto, a proteção que os guerrilheiros tinham do deus-Mayombe. Essa passagem é construída por meio de uma “parênese catequética”, vinculada a história dos combatentes e a própria nação angolana. O milagre da transubstanciação dos [...] homens vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais” (PEPETELA, 2016, p. 67) e, desse modo, se misturam a mata, ao povo. A narrativa constituiu-se pelo *οἶκος*¹⁰ *comum, o lugar familiar que nutria também a sua fome, pois,*

A comida faltava e a mata criou as ‘comunas’, frutos secos, grandes amêndoas, cujo caroço era partido à faca e se comia natural ou assado. As ‘comunas’ eram alimentícias, tinham óleo e proteínas, davam energia, por isso se chamavam ‘comunas’. E o sítio onde os frutos

¹⁰ A palavra *οἶκος* é casa, mas a ideia que buscamos foi a de o agrupamento familiar, já que os guerrilheiros de Mayombe vivam agrupados e compartilhavam de uma vida comunitária.



eram armazenados e assados recebeu o nome de ‘Casa do Partido’. O ‘comunismo’ fez engordar os homens, fê-los restabelecer dos sete dias de marchas forçadas e de emoções. O Mayombe tinha criado o fruto, mas não se dignou mostrá-los aos homens: encarregou os gorilas de o fazer, que deixaram os caroços, partidos perto da Base, misturados com as suas pegadas. E os guerrilheiros perceberam então que o deus-Mayombe lhes indicava assim que ali estava o seu tributo à coragem dos que o desafiavam: Zeus vergado a Prometeu, Zeus preocupado com a salvaguarda de Prometeu, arrependido de o ter agrilhadoo, enviando agora a água, não para lhe furar o fígado, mas para o socorrer. (Terá sido Zeus que agrilhoou Prometeu, ou o contrário?) (PEPETELA, 2016, p. 68).

A mata auxilia-os. O relevo da passagem da narrativa se entrelaça, quando o Mayombe os alimenta, guarda e protege os seus insurgentes que, conseqüentemente, encontram-se em desvantagens. A comparação à mitologia Grega, através do Mito de Prometeu, ilustra a narrativa de forma a apontar pistas. Assim como Prometeu que roubou o fogo dos deuses para auxiliar a sua criação, o Mayombe protege os seus filhos nascidos naquelas terras, topofilícos.

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão, Medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens. E os homens avançaram. E os homens tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos. Zeus ajoelhado diante de Prometeu. E Prometeu dava impunemente o fogo aos homens, e a inteligência. E os homens compreendiam que Zeus, afinal, não era invencível, que Zeus se vergava à coragem, graças a Prometeu que lhes dá a

inteligência e a força de se afirmarem homens em oposição aos deuses. Tal é o atributo do herói, o de levar os homens a desafiar os deuses. Assim é Ogun, o Prometeu africano (PEPETELA, 2016, p. 68).

A origem, como pontuada nessa passagem, é uma das mais belas do romance, pois indica traços de uma mata que se preocupa com os seus e cria laços afetivos. Em seu discurso, o *Comissário Político* consciente da sua interlocução, a partir da relação com os demais personagens, interage de forma política e ideológica, cuja entonação equaciona a relação com o socialismo, pois, “pertencendo ao grupo restrito que dominará o Partido e o Estado, depois da primeira desilusão de constatar na prática que o socialismo não é obra dum dia ou da vontade de mil homens” (PEPETELA, 2016, p. 74).

O episódio do Epílogo, que encerra o romance, contribui nessa ideia, conforme se observa quando o Comissário Político depõe:

A morte de Sem Medo constituiu para mim a mudança de pele dos vinte e cinco anos, a metamorfose. Dolorosa, como toda metamorfose. Só me apercebi do que perdera (talvez o meu reflexo dez anos projetado à frente), quando o inevitável se deu. Sem Medo resolveu o seu problema fundamental: para se manter ele próprio, teria de ficar ali, no Mayombe. Terá nascido demasiado cedo ou demasiado tarde? Em todo o caso, fora do seu tempo, como qualquer herói de tragédia. Eu evoluo e construo uma nova pele. Há os que precisam de escrever para despír a pele que lhes não cabe já. Outros mudam de país. Outros de amante. Outros de nome ou de penteado. Eu perdi o amigo. Do coração do Bié, a mil quilómetros do Mayombe, depois de uma marcha de um mês, rodeado de amigos novos, onde vim ocupar o lugar que ele não ocupou, contemplo o passado e o futuro. E vejo quão irrisória é a existência do indivíduo. É, no entanto, ela que marca o avanço no tempo. Penso, como ele, que a fronteira entre a verdade e a mentira é um caminho no deserto. Os homens

dividem-se dos dois lados da fronteira. Quantos há que sabem onde se encontra esse caminho de areia no meio da areia? Existem, no entanto, e eu sou um deles. Sem Medo também o sabia. Mas insistia em que era um caminho no deserto. Por isso se ria dos que diziam que era um trilho cortando, nítido, o verde do Mayombe. Hoje sei que não há trilhos amarelos no meio do verde. Tal é o destino de Ogun, o Prometeu africano (PEPETELA, 2016, p. 247).

Nesse processo de ressignificação política, que na consigna de um processo colonial oprimia um povo há séculos, esse povo tende a libertar-se do opressor. A figura de um colonizador sem limites que avança e subjuga perde lugar, assim como o discurso de violência dá abertura para se iniciar a materialização da nação imaginada. O grupo lutou e, sem medo (que aqui se pode valer de um trocadinho entre a personagem e a todos que lutaram), sacrificou-se pela liberdade e uma sonhada democracia. Um governo de todos, para todos e por todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ricœur (1985, p. 36) afirma que o mundo que o texto projeta na sua estrutura e na própria configuração linguística é possível de ser habitado pelo leitor. Com isso, chegamos à ideia de que a obra literária se refigura na hipótese da ideologia, assim como na escrita alinhada à prefiguração do escritor e a refiguração do leitor, alojando um sentido profundo no produto ficcional ou poético. Em *Mayombe* percebe-se a discussão sobre o marxismo, como ação simbólica na escrita de Pepetela, alinhada à memória da luta armada. O romance impetra uma tomada de consciência para a não aceitação da condição de objetificação e servidão no contexto da sociedade moderna.

Essa forma de ressignificar a vida e dar sentido à existência constitui o início da busca de novas identidades, da angolanidade, em que é

preciso refletir sobre a língua, costumes e hábitos. A busca pela liberdade e democracia é, sem dúvida, justa e necessária, pois, uma civilização, que em pleno século XX (contexto de *Mayombe*) colocava-se incapaz de reconhecer essa premissa, negava-se a acompanhar os avanços da ciência e sociedade e, substancialmente, do pensamento humano. Como diriam os guerrilheiros de *Mayombe*, recuperando o trocadinho no nome das personagens, *Lutamos Sem Medo*, a fim promover um debate sobre a violência do processo colonial, a demonstrar que nenhuma colonização é benéfica.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Original: *La poétique de l'espace*, 1957).
- BAKHTIN, Mikhail. *O romance de educação na história do realismo*. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 223-276.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. A. F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1990.
- ENGELS, Frederich, MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista* (1848). In: *Marx-Engels: Textos*. v. 3. São Paulo: Edições Sociais, 1982.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FORNOS, Jose Luís Giovanini. *Nacionalismo revolução e pós-colonialismo: o caso mayombe, de Pepetela*. UFRGS. Letras de hoje. Porto Alegre. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/luciliagloria/Downloads/614-2257-2-PB.pdf. Acesso em: 12.10.2025.
- Halbwachs, Maurice. ([1950] 1997). *La mémoire collective*. Paris, Ed. Albin Michel.
- HALL, Stuart. *O Pensador das Diásporas*. Entrevista com Stuart Hall. Portal Literal. 2003. Disponível em: <<http://www.literal>>

com.br/acervodoportal/o-pensador-das-diasporas-1105/>. Acesso em: 11.10. 2025.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Trad. São Paulo: Ática, 1992.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico)

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: LeYa, 2016.

RICCEUR. Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SECCO, Carmen L. Tindó. *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola, Moçambique e outros diálogos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SECCO, Carmen L. Tindó. *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola, Moçambique e outros diálogos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SMITH, A. *Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*. São Paulo: Nova Cultural, 1983.